

Minha feia, és uma castanha despenteada,  
minha bela, és formosa como o vento,  
minha feia, de tua boca se pode fazer duas,  
minha bela, são teus beijos como frescas melancias.

Minha feia, onde estão escondidos teus seios?  
São mínimos como dois vasos de trigo.  
Me agradaria ver-te duas luas no peito:  
as gigantescas torres da tua soberania.

Minha feia, o mar não tem tuas unhas em sua tenda,  
minha bela, flor a flor, estrela por estrela,  
onda por onda, mensurei teu corpo:

minha feia, te amo por tua cintura de ouro,  
minha bela, te amo por uma ruga em tua fronte  
amor, te amo por clara e por escura.

Soneto XX

Amor, agora nos vamos à casa  
onde a trepadeira sobe pelas escadas:  
antes que chegues, alcançou teu quarto  
o verão nu com pés de madressilva.

Nossos beijos errantes percorreram o mundo:  
Armênia, espessa gota de mel desenterrada,  
Ceilão, pomba verde, e Yangtze separando  
com antiga paciência os dias das noites.

E agora, bem-amada, pelo mar crepitante  
voltamos como duas aves cegas ao muro,  
ao ninho da longínqua primavera,

porque o amor não pode voar sem deter-se:  
ao muro ou às pedras do mar vão nossas vidas,  
a nosso território regressaram os beijos.

Soneto XXXIII

Pablo Neruda, Cem sonetos de amor, tradução de Carlos Nejar, reimpressão 2011.

L&PM Pocket – www.lpm.com.br

Mulher, criança, animal,  
quem não gosta disso então?  
se nos dão força total,  
neste triste mundo cão.

Arlindo Nóbrega, 1412 Lit.&Arte  
R. Aurora A. Ferreira 171, Ap 702  
29090-310 – Vitória, ES

Ele trouxe ao seu rebanho  
muito amor e muita luz;  
Barqueiro de um barco estranho  
talhado em forma de Cruz!

Izo Goldman 06.11.1932-12.07.2013  
9812, As menores poesias do mundo  
ao seu alcance! MFM

Vamos fazer uma troca  
muito gostosa, querida?  
Tu me dás uma beijoca  
e eu te dou outra em seguida!

João Batista Serra, 1202  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia/CE

A casa na manhã com a verdade revolta  
de lençóis e plumas, a origem do dia  
sem direção, errante como uma pobre barca,  
entre os horizontes da ordem e do sonho.

As coisas querem arrastar vestígios,  
aderências sem rumo, heranças frias,  
os papéis escodem vogais enrugadas  
e na garrafa o vinho quer continuar seu ontem.

Ordenadora, passas vibrando como abelha  
tocando as regiões perdidas pela sombra,  
conquistando a luz com tua branca energia.

E se constrói então de novo a claridade:  
obedecem as coisas ao vento da vida  
e a ordem estabelece seu pão e sua pomba.

Soneto XXXII

Com fé na vida prouso  
pondo esperança em meus passos  
e quando um sonho persigo  
jamais eu penso em fracasso.

Therese Costa Val 22.07.33-05.08.14,  
1101 Trinos do Pitiguari: R.Guanabara 542  
59014-180 – Natal/RN

Agü errado, não minto  
cometi tanta faceta  
por isso agora me sinto  
um Romeu sem Julieta.

Zelito Magalhaes, 1411 Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br  
jbatista@unifor.br

García Lorca, Obra poética completa: Canções, Cazador,  
Martins Fontes, 1999/ Gentileza de Gérson Levi Mendes

## SELEÇÕES MENS AIS

### FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.12.14, enviar até 3 haicus de quigos Águas de março, Caqui, Libélula.

Até o dia 30.01.15, enviar até 3 haicus de quigos Cantárida (Maria-catinga), Orquídea, Páscoa.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82.

05010-040 - São Paulo, SP.

ou mfmendez@superig.com.br



### QUIDAI S DE VERÃO

Um homem pescando.  
O anzol mergulha no rio  
e traz lambari.

Analice Feitoza de Lima

As folhas verdinhas  
a formiga carregou.  
Só ficou o talo.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Aplauso do povo.  
Dança em louvor ao Reaisado.  
Emoção geral.

Darly O. Barros

Canteiros... canteiros...  
são alamedas azuis:  
hortênsias em flor.

Djalda Winter Santos

Um olhar atento,  
na parede do meu quarto...  
Fogem os insetos.

Elen de Novais Felix

No leito da praia,  
os beijos que salvam.  
Dia do Salva-vidas.

Fernando Vasconcelos

No canto do muro  
lagartixa pega rã...  
Gato devora ambos...

João Batista Serra



### HAICUS BRASILE

Enfeitando o muro  
a flor do chuchu desponta  
anunciando o fruto. K

Alba Christina

Abelhas demais,  
espalham seu zum-zum-zum.  
Flor de chuchu. C

Antonio Cabral

Pescador contente  
com cesto de lambaris  
refeições tranquilas. K

Alba Christina

Enquanto garoa,  
lambaris dão cambalhotas  
sobre o espelho d'água. K

Antonio Cabral

A gôndola cheia  
panetone antecipa  
dezembro e Natal. K

Alba Christina

Ramos de chuchu  
e seus brotos e flores.  
Tudo ali no muro. C

Eduardo Zá

Enchendo a prancheta,  
projeto de ideias novas  
Dia do Arquiteto

Alba Christina

O lambari  
surge num salto  
sobre a água. K

Eduardo Zá

As crianças  
se deliciam degustando  
os panetones. K

Eduardo Zá

Destrincha o guri  
à mesa frito primeiro  
troféu... lambari. K

Fernando Soares

Matando afinal  
a fome um só panetone  
faz lindo Natal. K

Fernando Soares

Réveillon com o povo,  
Cardeal, na Boa Viagem...  
– Missa de Ano Novo.

Fernando Soares

Panetone junta  
todos em volta da mesa  
café da manhã. C

Honorina Fonseca Louseiro

Flor de chuchu  
espalhada na fazenda  
chuchu com fatura. K

Honorina Fonseca Louseiro

Diretos da rede  
os lambaris chegam.  
No fogão a frigideira. C

Manoel Fernandes

Panetones  
retirados do forno.  
Fila na padaria. K

Manoel Fernandes

No quintal  
desabrochou  
a flor de chuchu. K

Manoel Fernandes

Aparente caos,  
vai o imóvel em reforma.  
Dia do Arquiteto.

Manoel Fernandes

Chuva começada,  
crianças alvoroçadas.  
Granizo caindo.

Manoel Fernandes

Piracema. Saltam  
peixes tentando a subida.  
Margens sepulturas.

Manoel Fernandes

Bagre cá no tanque  
vai e vem solenemente.  
Um gongo a distância.

Manoel Fernandes

Na mesa reunida  
pouca gente da família.  
Ceia de Natal.

Manoel Fernandes

Família na chácara –  
fritada de lambaris  
pescados na hora. B

Renata Paccola

Lambari espreita.  
Movimento repentino  
faz nuvem de lodo. C

Renata Paccola

No supermercado,  
panetones em oferta  
depois do Natal. C

Renata Paccola

Árvore frutífera  
sobre o rio estende um galho.  
Salta o lambari. A

Roberto Resende Vilela

Entre as folhas verdes  
debruçadas numa cerca  
flores de chuchu. C

Roberto Resende Vilela

Menino de rua,  
na padaria – de leve –  
toca um panetone. C

Roberto Resende Vilela

### C O R P O S M Í S T I C O S

Hans Ulrich Gumbrecht, tradução de Celso Paciomiak, OESP-Aliás, 28.12.14, página E11.

Semana passada foi a primeira vez que Paul  
vou para Kiev, embora estivesse muito cansa-  
do quando chegou, notou imediatamente que  
alguma coisa estava diferente de todas as outras  
cidades da antiga União Soviética que visitara  
recentemente. A animação de São Petersburgo e  
Moscou, por exemplo, parecia exagerada e até  
dramática contra o pano de fundo das lembranças  
e restos de uma sociedade congelada quase  
até a morte sob o regime comunista. A anima-  
ção de Kiev, ao contrário, parecia genuína e  
natural, quase mediterrânea, como se tudo  
precisasse acontecer a céu aberto, por mais  
cinzento e invernal que ele parecesse. Sem  
perguntar nada a Paul e antes de passar no hotel,  
os anfitriões o levaram à Maidan, a praça no  
centro da cidade agora normalmente movimen-  
tada onde, há um ano e dia após dia, meses a

fiu, centenas de milhares de ucranianos haviam  
se reunido, mandando um governo para o exílio,  
iniciando uma crise política mundial e deixado  
seu país num estado de instabilidade política  
permanente.

Mas Paul agora nota, sobretudo, como as  
ideias preconcebidas não se encaixam. Enquanto  
forças paramilitares russas controlam partes da  
Ucrânia oriental, outros ucranianos viajam de  
Kiev para Rússia em voos regulares de Aeroflor;  
em vez de estarem preocupados ou mesmo  
deprimidos, os colegas de Paul daqui parecem se  
achar num estado de euforia, prontos para  
comemorar o que consideram ter sido um ato só  
de transformações positivas; e todos falam da  
Maidan, relembrando uma intensidade que desde  
aquela época não abandonou mais a cidade e  
discutindo obsessivamente o que exatamente

pode ter havido: uma revolução fracassada, um  
estado de êxtase patriótico ou um carnaval com  
face política? No fim do dia, Paul comparece ao  
programa de TV mais popular do país tentando  
convencer uma linda comentarista política de  
vestido verde-claro e 1 milhão de espectadores  
de que Maidan foi certamente uma revolução  
fracassada.

...

Após um jantar com estudantes que pareciam  
mais interessados na transmissão das partidas da  
Liga dos Campeões daquela noite que nas  
preocupações políticas do convidado, Paul vai  
para a cama num hotel de luxo perto da Maidan,  
com mobiliário escuro pesado e um quarto  
superaquecido onde nota que, além do cansaço,  
havia apanhado um resfriado.  
Na manhã seguinte, a LOT-Airlines leva Paul

a Varsóvia de alguma forma milagrosa, dada a  
densidade da cerração e o tanto que se sentia  
enfermo, e aí começa uma versão diferente,  
mais razoável e menos passional, do mesmo  
ritual. Eles o levam a um passeio a pé pela  
cidade velha lindamente reconstruída e, de  
carro, pelo museu recém inaugurado do Gueto  
de Varsóvia; durante a entrevista a um jornal  
local num café abarrotado e uma mesa-redonda  
com importantes intelectuais, tudo sobre Kiev e  
Maidan, Paul sente uma pressão amigável para  
identificar sinais de um desejo ucraniano de  
ingressar na União Europeia e também um  
desejo avassalador dos poloneses de abraçar  
seu vizinho num aumento da solidariedade pró-  
Occidente. Para que resistir? Paul está ainda  
mais cansado que no dia anterior, os tradutores  
demorando horrores para transmitir o que ele

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 12 – 2014 DEZEMBRO

Assinatura até 31.12.15: 12 selos postais  
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,85).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

!Alto pinar!

Cuatro palomas por el aire van.

Cuatro palomas  
vuelan y tornan.

Llevan heridas  
sus cuatro sombras.

¡Bajo pinar!

Cuatro palomas en la tierra están.

García Lorca, Obra poética completa: Canções, Cazador,  
Martins Fontes, 1999/ Gentileza de Gérson Levi Mendes

## Mundo real

— Palco dos protestos de 2014, a Praça da Independência de Kiev – ou Maidan – abrigou as lutas de independência do país em 1990 e a Revolução Laranja em 2004.

tem a dizer, e um jantar suntuoso está a sua espera. As palavras finais de que se recorda são perguntas sobre o estado atual da tradição católica da Polónia e sobre folclore judaico nas províncias do país um século atrás.

Agora o céu está brilhando e as ruas estão cheias de gente a pé e a cavalo, falando em muitas línguas que ele sente ao mesmo tempo exóticas e fáceis de usar. Continuam a chamá-lo de Paul. Um jovem o conduz a uma vila suntuosa na periferia dessa bela cidade sem carros, aviões e um nome de que ele não consegue se lembrar. Paul nota que a reunião é secreta e muito naturalmente descobre todas as

pistas e sinais que são esperados de todos os que entram. As pessoas parecem ricas, todas vêm de lugares diferentes e fazem parte de uma comunidade invisível: mulheres sensuais de olhos escuros, homens graves de meia-idade com perfis aquilinos, crianças brincando e adolescentes de mãos dadas, quase se beijando. Eles o estavam esperando, e agora esperam que Paul se sente, parta o pedaço de pão que lhe dão e beba do cálice de vinho branco que circulará. “Você é sério”, ele se ouve dizer com dignidade e estranha determinação, “você é o corpo místico de Cristo, judeus e persas, gregos e romanos, um corpo vivo de amor num mundo de confusão, dispersão e pecado.”

Às vezes é constrangedor recordar um sonho. Enquanto está se barbeando na manhã seguinte e se vê no espelho, Paul tenta separar Varsóvia de Kiev. e essas duas capitais orientais da bela cidade enlazarada e sem carros. Teria sido ele aquele a pregar contra o pecado em presença daqueles corpos belos? E como foi que souberam

seu nome e compreenderam suas palavras? Por outro lado, não teria ele ficado muito mais seguro partindo o pão em seu sonho da vila – e muito mais convincente do que em todas aquelas entrevistas reais que dera com resfriado e escassos conceitos de uma racionalidade tacanha? Dez minutos depois, esperando por seu *latte macchiato*, ainda no café da manhã, e verificando o horário do próximo voo, Paul finalmente percebe que precisa fazer anotações. Maidan, o único evento de 2014 que mudou o mundo, não foi nem uma revolução fracassada nem o início de uma guerra civil – foi um corpo místico. Maidan era simplesmente centenas de milhares de pessoas querendo estar juntas, fisicamente juntas e num lugar, fisicamente juntas e sem necessidade de uma ideologia comum ou de uma vontade política comum. Maidan não significou um desejo de fazer parte da União Europeia nem uma rejeição à Rússia; significou ser um órgão coletivo em vez de milhões de escolhas individuais num oceano interminável de mundos e sites eletrônicos;

Maidan significou ocupar e ser o coração de uma cidade, em vez de eleger representantes para gerir sua burocracia; estar lá em vez de imaginar Bruxelas, Maidan era a vida em vez de estratégias políticas.

Com sua minúscula e ilegível escrita, Paul encheu o cartão que sempre leva consigo e dessa vez as ideias são simplesmente excessivas: Maidan era um corpo místico, como foram os protestos da juventude brasileira de 2013 e a Primavera Árabe. Eles todos pertencem a um tipo diferente e novo de evento político ou, talvez e mais radicalmente, podem ser a realidade de um novo e forte desconforto que não tem solução política real. “E menos ainda uma solução religiosa”, pensa Paul, já que não sobrou espaço no cartão. Enquanto isso, um taxi o espera para levar ao aeroporto para o voo a Frankfurt, e dali de volta para Washington – ou seria de volta a São Paulo, onde tem prazo para entregar um texto sobre Maidan na próxima semana?

## QUATRO PEDRAS

Bernardo Kucinski, OESP-Atliás, 28.12.14, página E2.

— Gustavinho, e a tevê que você levou para consertar?

— É que falta uma peça.

— Mas demora assim?

— É vó... é que vem de São Paulo.

A velha não tira os olhos do fogão. O rapazola encosta-se na porta semiaberta que dá para ao quintal.

— Vó, acho que to com um machucado na pema.

A velha recolhe os três bolinhos da frigideira, fecha o bocal do gás e limpa as mãos no avental.

— Deixa ver, Gustavinho. Vamos pra sala que meus óculos estão lá.

O rapazola faz um sinal ao que está no quintal

e segue a avó.

No quintal, o outro rapazola desatarraxa o bujão de gás, deita-o no chão e o vai rolando pela lateral da casa até o portão da frente.

Na sala, o rapazola, de pé, arregaça o lado direito da calça. Com o canto do olho fita pela janela a lateral da casa.

A velha coloca os óculos e se debruça.

— Não estou vendo nada, Gustavinho.

## Mundo real

—

— Em janeiro o prefeito paulistano Fernando Haddad (PT) deu início ao programa Braços

Abertos, que, em vez de reprimir, ofereceu emprego, moradia e tratamento médico aos viciados da cracklândia. Em dezembro, havia 513 dependentes no programa – 122 em tratamento voluntário contra dependência.

— Vai ver que já sarou.

A velha ergue-se.

— Brigado, vó, to indo. Tchau.

O rapazola dá um beijinho na testa da velha e sai às pressas. Na rua ajuda o amigo com o botijão de gás. Cada um pega de um lado.

— Quanto você acha que vale?

— Já te disse, mesmo vazio dão 20 paus.

— Legal, dá pra quatro pedras

## W A F A S U L T A N – M U L H E R C O R A J O S A !

Socióloga árabe-americana, entrevistada pelo Canal Al Yazira da Televisão de Qatar, tradução: Camil Ezagui/Roi Ezagui; 21.02.06.

— O confronto que estamos testemunhando no mundo não é um conflito de religião ou um choque de civilizações. É um confronto entre dois opostos. É um confronto entre duas eras. É um choque entre uma mentalidade que pertence à Idade Média e outra mentalidade que pertence ao século 21. É um confronto entre civilização e atraso. Entre o civilizado e o primitivo. Entre a barbárie e a racionalidade. É um confronto entre liberdade e opressão, entre democracia e ditadura. É um conflito entre os direitos humanos, por um lado, e a violação desses direitos, por outro. É um enfrentamento entre aqueles que tratam as mulheres como animais e aqueles que as tratam como seres humanos.

O que vemos hoje não é um choque de civilizações. As civilizações não se enfrentam, mas competem.

— *No entanto o que disse que acontece hoje é um choque entre a cultura do ocidente, e o atraso e a ignorância dos humanos?*

— Sim, é isso que eu quero dizer.

— *Quem foi que surgiu com o conceito de*

*“choque de civilizações”? Foi Samuel Huntington? Não foi Bin Laden? Eu gostaria de discutir este assunto se não se importa.*

— Os muçulmanos são os que começaram a usar o termo. Os muçulmanos são os que iniciaram o confronto de civilizações. O profeta do Islam disse: “Fui mandado para lutar até que as pessoas criem em Deus e seu mensageiro”.

Quando os muçulmanos dividiram as pessoas entre muçulmanos e não muçulmanos eles pediram para lutar contra os outros até que estes acreditassem no que eles acreditam.

Eles começaram este choque e começaram esta guerra.

Para parar esta guerra, eles devem rever os seus livros islâmicos e currículos, que são repletos de referências ao “Takfir” e combater os infiéis.

Meu colega disse que ele nunca ofende as crenças de outras pessoas. Que civilização lhe permite dar nomes a outras pessoas que eles mesmos não escolheram?

Uma vez chamado “All Dimma”, (indivíduos

Caramba! olé e olé, Senhora!

de segunda classe), em outra ocasião, os chamados: “O povo do livro”, e em outra ocasião, os compara com macacos e porcos, chama os cristãos “aqueles que provocam a ira de Deus”.

Quem disse que eles são o povo do livro? São o povo de muitos livros.

Todos os livros científicos úteis que você tem hoje são deles, eles são o fruto de seu pensamento livre e criativo.

Com que direito eles chamam “aqueles que provocam a ira de Deus” ou “aqueles que se extraviaram”? e depois vem aqui e diz que sua religião lhe ordena abster-se de ofender crenças dos outros?

Irmão, você pode acreditar em pedras desde que não as jogue em mim. Você é livre para adorar o que quiser, mas as crenças de outras pessoas não são assunto seu, se eles acreditam que o Messias é Deus, Filho de Maria, ou que Satanás é Deus, filho de Maria, deixem que as pessoas tenham as suas crenças.

Os judeus, que sobreviveram à tragédia do

Holocausto, eles forçaram o mundo a respeitá-los com seus conhecimentos, não com gritos e lamentos.

A humanidade deve a maioria das descobertas e da ciência nos séculos 19 e 20, a cientistas judeus. 15 milhões de pessoas espalhadas pelo mundo, unidos ganharam os seus direitos através do trabalho e do conhecimento.

Nós não vemos o único judeu explodir um restaurante alemão. Nós não vimos um único judeu destruir uma igreja.

Os muçulmanos tornaram três estátuas de Buda em pó.

Nós não vimos o único budista incendiar uma mesquita, matar um muçulmano ou queimar uma embaixada.

Só os muçulmanos defendem sua fé queimando igrejas, matar pessoas e destruindo embaixadas, esse caminho não levará a nenhum resultado.

O muçulmanos devem perguntar o que podemos fazer pela humanidade, antes de exigir que a humanidade os respeite.

## P A L A V R A S D E P A Z

Prem Rawat, Maharaji (Nome honorífico) – Trechos de palestras realizadas em várias partes do mundo!

De ser humano para ser humano, eu lhe digo, proponho a você, que o que você quer na sua vida, primeiro, não precisa de um nome. Não precisa, você pode chamar de paz – sem problema. Pode chamar de felicidade – sem problema. Pode chamar de liberdade enquanto está vivo – sem problema. Pode chamar de alegria – sem problema.

Por quê? Porque apenas são nomes diferentes para a mesma coisa.

### PALAVRAS DE PAZ

A ambição mais elevada

Estamos aqui para ouvir uma mensagem simples. Mas, na verdade, estou aqui para lhes contar uma história. E não é uma história sobre animais, nem sobre reis e rainhas, nem sobre alguém que realiza suas fantasias. Essa história

fala de você e de mim, de nós enquanto existimos, enquanto vivemos, não do desejo de ser rico ou pobre. Pois muitas das coisas que desejamos neste mundo dependem da situação em que nos encontramos.

Alguém que perde um filho não reza por dinheiro – isso acaba. Não reza por uma educação melhor – isso acaba.

Uma pessoa que acaba de saber que está com câncer, que está morrendo, vai pedir o que quando rezar? Uma educação melhor: Pedirá outro filho: Pedirá mais dinheiro?

Não. Ele pedirá: “Deus, que isso seja o menos doloroso possível, ou remova o meu câncer.”

O que estou dizendo é que a situação em que estamos muda completamente uma perspectiva sobre o que é necessário, quais são as necessidades, o que é o mundo, o que é a religião, o

que é Deus, o que é tudo.

Mas existe uma realidade. E a realidade é que você está vivo. E é a mais linda realidade. E ela não muda nesta história sobre você e eu, conseguimos preencher – se quisermos – se realmente quisermos – conseguimos satisfazer nosso verdadeiro querer. Se quisermos que a história seja boa, se quisermos que a história tenha um final feliz, isso pode acontecer.

Mas primeiro você precisa saber o que quer. Você sabe o que quer? O que sempre quis? O que sempre vai querer?

Fazer essa pergunta aqui neste local, onde há tantas pessoas se perguntando: “O que é que eu quero? O que é que eu quero?” “Quero liberação.”

Não, não. Lembra da pergunta? A pergunta é: o que você quer? Talvez alguém tenha dito a

você: “Liberação seria bom”. Mas é isso o que ele quer! O que você quer? De ser humano para ser humano, eu lhe digo, proponho a você, que o que você quer na sua vida, primeiro, não precisa de um nome. Não precisa. Você pode chamar de paz – sem problema. Pode chamar de felicidade – sem problema. Pode chamar de liberação – enquanto ainda está vivo. Sem problema. Pode chamar de alegria – sem problema. Por quê? Porque são apenas nomes diferentes para a mesma coisa. Quando o coração estiver contente, haverá alegria. Quando o coração estiver contente, haverá paz.

Falo muito da paz. Vou aos lugares: “Paz, paz, paz, paz.” Quer saber minha opinião? Ninguém sabe o que é a paz. Estão perdidos, tentando definir paz.

A paz começa com você.

(conclui)